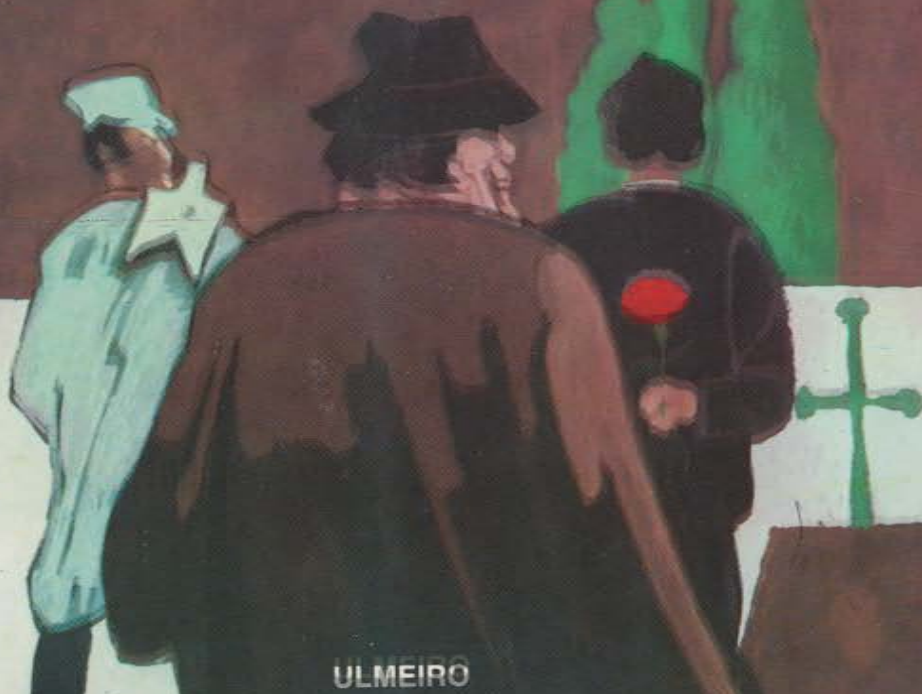


Orlando da Costa

a
como estão
os cravos
hoje ?



ULMEIRO

ORLANDO DA COSTA

A COMO ESTÃO OS CRAVOS HOJE?

PEÇA EM 5 QUADROS

Colecção Barca Nova, N.º 8

Orlando da Costa nasceu a 2 de Julho de 1929, em Lourenço Marques (hoje Maputo). É porém em Goa, na Índia, que passa a sua infância e vive até aos dezoito anos. Após os estudos secundários, vem para Portugal (1947), onde se licencia (1953) pela Faculdade de Letras de Lisboa. Em 1951 publica o seu primeiro livro de poesia, a que se seguem outros dois, em 1953 e 1955.

Seis anos depois, com a publicação do seu primeiro romance «*O Signo da Ira*» galardoado com o prémio «Ricardo Malheiros», 1961, começa uma nova etapa da sua carreira de escritor. Em 1964 publica o seu segundo romance «*Podem chamar-me Euridice*», obra de particular significado na história do romance português, que veio confirmar as suas invulgares qualidades de ficcionista. Proibido pela censura salazarista teve que esperar por 1974 para conhecer a sua 2.ª edição.

Em 1971 publica a sua primeira peça de teatro «*Sem Flores nem Coroas*», cuja acção, tal como a do seu primeiro romance, se passa na Índia, no seio da sociedade goesa. A publicação da presente peça, que começou a ser escrita antes da revolução de 25 de Abril, sucede à edição, em 1979, de «*Canto Civil*», colectânea de toda a sua poesia, de 1951 a 1979.



Apartado 4 152 — 1 504 LISBOA CODEX · Telef. 71 35 44/71 32 09

FICHA:

Título: A COMO ESTÃO OS CRAVOS HOJE?

Autor: ORLANDO DA COSTA

Colecção: BARCA NOVA n.º 8

Capa: ANTÓNIO PIMENTEL

Editor Responsável: JOSÉ A. RIBEIRO

1.ª edição: ABRIL DE 1984

Tiragem: 2.200 exemplares

© ULMEIRO e O AUTOR

Composição e Impressão: Tip. «JORNAL DO FUNDÃO» — Fundão

Impressão da Capa e Acabamentos: «GRAFITRÊS» — Pontinha

Depósito Legal n.º 5001/84

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

O espaço cénico para esta peça não comporta mais que um único «dégor», simples mas identificador de um cemitério de campas rasas, mais ou menos bem tratadas. Ao fundo e prolongando-se para a direita um muro branco, que servirá de «écran» para a projecção de breves sequências cinematográficas e de «slides» de circunstância.

As condições de amplificação sonora, em certos momentos, deverá ter a capacidade de envolvimento do próprio público espectador.

Quanto aos Personagens, apenas uma nota prévia, porventura desnecessária: o primeiro personagem a aparecer em cena é nomeado como «Paraquedista» para, ainda no I Quadro, e até final da peça, passar a ser identificado como «Coveiro». Terá cerca de 25 anos, tal como o Personagem 2, enquanto que o Personagem 1 estará na casa dos cinquenta.

Certo que esta peça assenta em personagens que convergem numa «história» inteiramente de ficção, os materiais audio-visuais que se sugerem como acompanhamento do seu desenrolar podem, porém, na sua grande parte ser seleccionados de entre registos de arquivo de um passado recente da História da sociedade portuguesa, que ao encenador caberá utilizar da melhor maneira para benefício realista e reimaginado do espectáculo. Um espectáculo, afinal, que é algo mais que o encontro de três personagens desconhecidos — que não se desconhecem de todo —, mas que estão mal avisados do seu futuro.

O AUTOR

I QUADRO

Ao levantar do pano, assistir-se-á à projecção de uma sequência filmada de militares paraquedistas em plena queda. Esta projecção é acompanhada pela audição de um metralhar seco de curto alcance e por um jogo de luzes como que a varrer todo o fundo branco do palco. Silêncio, a bem dizer sepulcral.

No palco, que se ilumina, à esquerda, um paraquedista, esbracejando, desembaraça-se do paraquedas que ainda o cobre. Ergue-se, sacode a farda, olha, primeiro surpreso, para o público, depois encara-o, rompendo com a timidez de quem, sentindo-se irremediavelmente só, decide comunicar, porque precisa de o fazer.

PARAQUEDISTA (*começando a despir a farda*) — Estou farto disto. Estou farto de mim... com

isto. (*Pausa em que tem as mãos agarradas à camisa já despida*) Valeu por uma vida! E só foram três anos...

Luz sobre um pequeno amontoado de roupa, sobre que ele se inclinará, tirando, à medida que se despe, uma a uma peças que irá vestindo com lentidão. (Repetirá: «Valeu por uma vida! E só foram três anos. Três anos, três anos...»)

VOZ (*em «off», intensa*) — Foram três anos no Ultramar... em África... em África... no Ultramar (*ressoando*).

PARAQUEDISTA — Num sítio qualquer do mundo, não importa. (*Abotoando as calças de cotim e enfiando uma camisa também de cotim cinzento*). O que importa é isto, a farda. Aquela farda. (*Apontando para as peças que acabara de despir*) Agora, esta! (*Com ar amargurado*) Deixar uma farda para enfiar outra. (*Dá um pontapé na farda que despira, olha em volta, procura um sítio no chão, assenta-se e começa a descalçar as botas que ainda tem calçadas*). Era eu uma criança quando me puseram a primeira farda. A farda do asilo. Vesti a mesma até se rebentarem as costuras do casaco. Então, as calças, já remendadas, davam-me pelas canelas. (*Arregaça as calças. Tem os pés descalços*). Tive sempre as pernas finas. Chamavam-me «o canetas» e eu roía-me de raiva. Quando jogava à bola, nunca consegui meter sozinho um golo e quando os outros me empurravam

quase sempre caía. Sim, era sempre um tobo. (*Levanta-se devagar com as calças arregaçadas. Um sorriso distante abre-se-lhe no rosto*). Mas na corrida era dos melhores, se não o melhor. (*Erguendo os braços e, num arremedo, a voz*) «Eh, Canetas!, se te apanho...» «Eh, Canetas, larga a bola...» E eu enquanto corria não tinha medo. De ninguém, nem de nada. Mas de repente vinha um de frente... uma canelada, um de lado... um encontrão e... pronto!

Ele volta-se lentamente, enquanto a luz no palco baixa, e vê-se no muro do fundo, projectada uma sequência de miúdos jogando à bola, num campo pelado ou num átrio de asilo-escola.

VOZ (*em «off»*) — «Eh, Canetas, larga a bola...» «Eh, Canetas, se te apanho...»

A câmara terá fixado, a correr com a bola nos pés um dos miúdos, até parar num paralítico de imagem de grande plano: um rosto de nove a dez anos, ansioso, afogueado, o cabelo à escovinha, de camisola interior, ombros frágeis. Grande foco de luz que se moverá para a direita.

PARAQUEDISTA (*voltando-se para o público*) — Não consigo imaginar-me como era eu a correr. Nunca consegui, nunca. (*Pausa*). Por isso, de toda a minha infância só tenho uma imagem acordada, uma só — a farda!